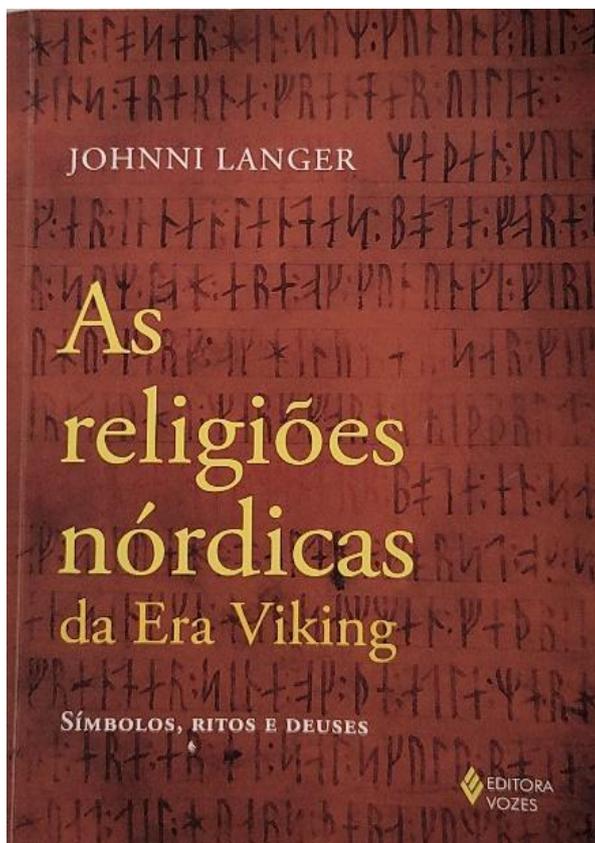


ESTUDANDO AS CRENÇAS PRÉ-CRISTÃS: AS RELIGIÕES NÓRDICAS DA ERA VIKING (J. LANGER)



LANGER, Johnni. *As religiões nórdicas da Era Viking: Símbolos, ritos e deuses*. Petrópolis: Vozes, 2023.

Glezia Alves de Melo¹

O mais recente livro lançado pelo professor Johnni Langer, reconhecido como um dos mais importantes escandinavistas brasileiros, apresenta informações imprescindíveis sobre as

¹ Mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0726-5522>. E-mail: gleziaalvespsi@gmail.com

adaptações midiáticas contemporâneas dos aspectos do mundo nórdico e medieval. Para além disso, o conteúdo da obra também explana como estão sendo delineados os estudos no Brasil e no mundo. A temática abrange e descreve de maneira bastante suscetível como são desenvolvidas as práticas cotidianas dos escandinavos ligadas às suas formas de expressões religiosas do cotidiano pré-cristão em suas múltiplas configurações.

Dentre os principais assuntos desta obra são manifestados temas como: os mitos primordiais para os pré-cristãos: seus ritos, seus locais de culto, suas práticas mágicas, o que são as runas, quais são os símbolos utilizados na Era Viking, entre outros assuntos. Entretanto, será proposto para o leitor no último capítulo, a teoria da recepção nórdica na qual apresenta imagens pintadas em telas e esculturas os mitos na recepção artística que vão do século XVIII ao século XX, abrangendo as modificações sociais, filosóficas e políticas que ocorrem nesses períodos para o movimento artístico de cada época: influências que percorreram a crise do neoclassicismo motivada pelas identidades nacionais ou incitações patrióticas sempre aludidas aos temas históricos, sociais e folclóricos da literatura antiga.

Cada país buscou seus referenciais pelos próprios elementos contidos na estética nacional e os seus possíveis conteúdos pertencentes a sua própria sociedade e a influência cultural de cada época. todavia, diante do afastamento do mundo neoclássico no qual refletia elementos greco-romanos, os intelectuais e artistas dessa época objetivavam memorar as glórias culturais e políticas principalmente dos guerreiros celtas, germânicos e escandinavos relembrando o passado bárbaro e épico dos feitos antigos.

Trazendo algumas informações sobre o autor, consideramos que Johnni Langer é Doutor em História e professor do Curso de Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atua principalmente nos seguintes temas: História e Cultura da Era Viking e da Escandinávia Medieval, Mitologia Nórdica, História das Religiões Nórdicas Pré-Cristãs, Recepção da Mitologia Nórdica nas Artes Visuais.

Dando seguimento à temática proposta, o livro descreve o problema em conceituar as crenças nórdicas pré-cristãs² oferecendo dicas de como pesquisar as metodologias no estudo

² Os estudos do século XIX denominavam em 'fé dos ases' ou 'religião dos ases' com uma nova nomenclatura onde ficou conhecida como *Asatru*. Uma doutrina dos Germanos antigos e como o seu sistema havia sido configurado nos manuscritos da *Edda em Prosa* e da *Edda Poética*. Essas fontes serviriam de base para os estudos da religião nórdica influenciando os estudos até pouco tempo: as

da mitologia nórdica: escolher as fontes primárias (*Eddas*³, Sagas Islandesas, Crônicas medievais, fontes iconográficas, arqueológicas e também os ritos nórdicos pré-cristãos das fontes mitológicas, históricas e literárias). Sendo esses arcabouços e elementos centrais para tais estudos. Um ponto primordial no início de uma pesquisa acadêmica, se delimita em como o pesquisador pode definir a fonte primária, sendo essa sumamente importante no estudo antes mesmo do recorte temático tendo uma função previamente secundária.

As fontes pesquisadas são manuscritos escritos e preservados durante a Idade Média, além das fontes iconográficas que possibilitam um conjunto de imagens, esculturas e pinturas referentes aos deuses germano-escandinavos. As fontes arqueológicas são monumentos e inscrições aludidas aos mitos e ritos nórdicos. Um outro ponto importante, elenca a conceituação de como estudar as fontes antigas, pois as sagas são consideradas fontes ainda muito precárias em estudos no nosso país e também na América Latina, os estudos nessa temática ainda não desenvolvem um aprofundamento crucial no embasamento teórico-conceitual do que poderia ser saga: seria então, uma ficção regional de um país ou uma generalização épica do período antigo e medieval? Existem algumas discussões na área da História estudada no Brasil sobre como pode ser compreendida uma saga podendo composta por elementos históricos antigos ou produtos discursivos na Era Viking entre a Alta Idade Média e a Baixa Idade Média. Portanto, essas são algumas das alterações e contribuições apresentadas na recente obra do autor.

Um outro ponto relevante no livro é o capítulo três, descrevendo as concepções gerais e conceituais dos mitos⁴ nórdicos. Neste capítulo, foram apresentadas uma série de divindades

Eddas influenciaram a base de fé principal dos escandinavos pelo conteúdo ideológico do sagrado, considerada transcendental e pertencente ao espírito humano de qualquer época. Entretanto, esse termo é mantido apenas pelos religiosos e alguns escritores de tendência confessional. (LANGER, 2023, p. 15).

³ As principais interpretações contemporâneas sobre a *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson, descreve a adaptação dos mitos nórdicos com o mundo pré-cristão. Apesar da influência de seu contexto, a *Edda* contém uma estrutura pagã, resta aos pesquisadores encontrar os modos e metodologias para o seu estudo. Um segundo ponto enfatiza a hibridização como influência do cristianismo centro medieval criando uma nova mitologia baseada na tradição e parcialmente nas atitudes e crenças cristãs do período. (LANGER, 2023, p. 50).

⁴ Neste capítulo serão abordados temas como a criação do universo, as cosmovisões e cosmologias dos pré cristão, os ases e vanes e sua etimologia incerta associada a deusa Vênus. Outra temática abordada é o Valhalla, sendo definido como a moradia de Odin em Asgard sendo o local para onde vão os deuses em batalha. Os mitos sobre Odin, Thor, Freyja, Loki, Valquírias e também, os mitos escatológicos sobre o Ragnarok são desenvolvidos nesse capítulo. Serão apresentados estudos de casos sobre a mitografia

divididas pelos seus grupos: Aesir, Vanir, as divindades femininas chamadas de *Dísir* ocupando papel por vezes, central e por outras vezes, privado entre os pré-cristãos. Outras divindades importantes como os álfar (elfos) consideradas como seres sobrenaturais inferiores conectados aos vanir, os *jotnar* (gigantes) e os *dvengar* (anões). As narrativas mitológicas expressavam as relações complexas entre os deuses, gigantes e homens. As comunidades acreditavam em vários deuses e seres sobrenaturais, muito pouco era direcionado a uma só deidade, ou seja, não havia uma unificação religiosa ou de crença. O sistema de fé dos nórdicos pré-cristãos era envolvido por uma religião sem dogmas, doutrinas, organização e centralização e, a partir disso, os mitos se tornam a principal expressão religiosa de mundo, emoções, ideias e dos valores da natureza, além de possuir seus locais sagrados de culto.

Os ritos⁵ pré-cristãos também são detalhados nesta obra, são definidos como ferramentas de comunicação com outro mundo, ou seja, enquanto o mito explica os determinados eventos de um povo, o rito obtém seus conteúdos. O mito está contido dentro do rito pois as suas narrativas são utilizadas dentro dos rituais e podem também serem utilizadas pela esfera religiosa sem perder seus conceitos e serem autossuficientes. O mito é a narração, o rito⁶ a ação. Os mitos se conectam com os ritos e possuem uma dinâmica própria, diferentemente de algumas religiões que se unificam em formatos próprios, todavia, o mito se transforma e se ressignifica no tempo continuamente.

As religiões e cultos na Era Viking não podem ser reconstituídas com tanta facilidade em seus detalhes porque existem poucas fontes primárias para isso. Além disso, os ritos e

brasileira sobre o Ragnarok e Thor e a estrela polaris. Nessa temática, serão aludidas uma estrutura da narrativa do mito de Thor e Hrungrnir em associação a estrela polaris elemento representativo nas fontes míticas aos gigantes, trovões e tempestades.

⁵ Os ritos descritos nas *Eddas* não podem ser tomados literalmente como reflexos e práticas reais da sociedade; antes, são atos cosmológicos que retomam dramas inseridos nos poemas – que podem servir como fontes para o estudo dos ritos históricos pré-cristãos, mas não em sentido objetivo. O ritual seria baseado originalmente tanto no discurso quanto na ação social, produto da religião enquanto o conceito abstrato, mas o redator moderno dos poemas éddicos refletiu o rito dentro de uma religião singularizada. Deste modo, os ritos nas fontes textuais nórdicas estão em uma zona situada entre o imaginável e o crível (“ritos fictícios”) (RAUDVERE, 2012, p. 97-117).

⁶ Um exemplo de deidade ausente nos ritos religiosos é Loki. Ele não se encontra na toponímia e nos vestígios arqueológicos dos rituais. Mesmo assim, ele recebe formas de culto na cosmovisão contemporânea, um modo de ressignificação de nossa época. Os deuses Heimdallr, Bragi, Gefion e Idunna, também permanecem sem evidências de culto na prática religiosa. (LANGER, 2023, p.85-86).

cultos são subdivididos por tradições: suprarregional (reis), regionais⁷ (aristocracia) e locais (fazendeiros, pescadores, caçadores e montanhistas). Entre as deidades cultuadas, encontramos os bandos de guerreiros direcionados ao culto de Odin, cultuado nos salões reais e santuários. Enquanto isso, a aristocracia obtinha seus ritos direcionados a diversos deuses como: Thor, Freyr, Njord, Freya, Ullr, entre outros. Enquanto que os povos locais cultuavam os espíritos da terra, elfos e dísir nas montanhas, bosques, fazendas e rios. Outras informações importantes se baseiam nas configurações religiosas das fazendas, dos bandos guerreiros, dos grupos da pesca e caça etc.

Outros assuntos retratados foram o culto das deidades e seus aspectos toponímicos, os ritos em seus aspectos gerais como: os ritos de crise, cíclicos, de passagem e de sacrifício, imolação a animais. Além de conteúdos referentes aos líderes rituais e seus especialistas religiosos, a realeza e os seus rituais, o rito de Völsi e a água de sangue⁸, a religiosidade popular, o xamanismo⁹ nórdico e as influências religiosas externas.

Os templos e locais sagrados são constituídos por bosques, fontes, poços, colinas e montanhas. A religiosidade dos nórdicos estava profundamente inserida na paisagem natural onde estão contidos vários elementos de conexão com a natureza porque essas ideias se referem a Yggdrasill, nos mostrando como esses elementos tornam-se importantes na cosmovisão pré-cristã. Alguns pesquisadores percebem o conteúdo das fontes extremamente fantasioso, enquanto outros escolhem uma análise mais retórica e polêmica sobre as narrativas,

⁷ Os cultos regionais eram conduzidos por alguma liderança local e geralmente obedeciam a datas do calendário sendo deuses regionais: Ullr, Ullin, Týr, Forseti, Irpa e Porgerdr. Os suprarregionais eram conduzidos por um rei e também obedeciam a um calendário, sendo cultuados os deuses que tinham um caráter panescandinavo, ou seja, comuns em toda a Escandinávia.: Thor, Freyr, Njord, Freyja os locais destes rituais eram os grandes salões locais e santuários, como Lejre (Dinamarca), Uppsala (Suécia) e Uppåkra (Suécia). (LANGER, 2023, p. 129-130).

⁸ O *Blódnörn* é um ritual que consistia em abrir as costelas das vítimas, extraindo os pulmões e abrindo-os na forma de asas. Em algumas fontes, a prática é percebida também como um método de tortura ou execução. Segundo alguns pesquisadores, os próprios poetas da era viking não souberam interpretar corretamente as informações históricas, perpetuando fantasia sobre esse ritual, enquanto outros entendem que este ritual possui relação direta com as divindades de guerra e mesmo algumas evocações em gravuras da idade de bronze escandinava. (LANGER, 2023, p. 177).

⁹ O xamanismo que penetrou na Escandinávia, de origem Finlandesa, pode ser um exemplo de um conjunto histórico-geográfico, os processos de aculturação tendem a ser facilitados pela presença de várias similitudes entre as culturas intermediárias. Ele ocorreu tanto na religiosidade popular (como nas descrições rituais do *Seidr*, descritos em várias sagas), como nos mitos Odínicos, presentes na iconografia das estelas de Gotland – essencialmente aristocráticas. (LANGER, 2023, p. 180).

pois existem conteúdos cristão referentes às fontes textuais. Elas produzem uma leitura à luz do contexto referencial de cada época, enquanto outros pesquisadores afirmam que esses conteúdos não apresentam informação alguma a respeito da etnografia em relação às religiões nórdicas pré-cristãs.

Entre a temática proposta, destacamos, por exemplo, os ídolos e imagens religiosas, encontrados em alguns templos dedicados a Odin, Thor e Freyr. São mencionadas também, as edificações rituais no sul da Suécia e Escânia nos respectivos locais: Uppåkra, Tissø, Lunda e Ose/Ørsta, onde são utilizados esses espaços como rituais para os cultos pré-cristãos havendo tigelas, cacos de vidro e até mesmo figuras de ouro.

Outro referencial citado por Langer, diz respeito ao famoso templo de Gamla Uppsala, na Suécia, descrito pelo clérigo Adão de Bremen, apresentando diversos referenciais cristãos em sua descrição. Contudo, escavações arqueológicas feitas na região não encontraram evidências concretas de um grande templo como descrito pelo cronista. Além disso, o capítulo retrata os locais sagrados, ou seja, diversos tipos de pedras erigidas na Era Viking, sendo elas naturais ou antrópicas consideradas como elementos sagrados. transmitindo significados de liminaridade na cosmovisão e serviam como locais de memória na paisagem natural. A dualidade entre o sagrado e o profano é desenvolvido pela tradição cristã, para os pré-cristãos, alguns lugares foram mais sagrados do que outros, mas sem rigidez binária. com isso, a cultura material seria uma transportadora dos locais de memória para os pré-cristãos.

Outro tema de destaque no livro de Johnni Langer, diz respeito a magia nórdica¹⁰. O termo mais comum para magia nas fontes nórdicas é o *fjölkyngi* (conhecimento), outros nomes

¹⁰ A magia como realidade histórica nas sagas islandesas existe desde o século XIX, os pesquisadores mais renomados nos estudos sobre as sagas são respectivamente: George Dumézil, Hilda Davidson e Régis Boyer, eles estudaram tanto assuntos em mitologia, como também, o paganismo nórdico através das fontes literárias ambos afirmam que não haveriam influências cristãs na escrita dos manuscritos antigos. Entretanto, as novas gerações como Neil Price, Elda Heide, Jenny Blaim e François Xavier Dillman e Nasstrom, percebiam as aproximações do xamanismo finlandês nas literaturas eslavas, celta e latina na religiosidade Escandinava no período anterior e posterior a conversão. O foco principal desse grupo se baseava na investigação dos métodos comparativos entre a cultura material (vestígios arqueológicos, análise das estelas funerárias e inscrições rúnicas), não esquecendo de mencionar também as fontes literárias. É importante ressaltar que com o advento da escrita latina, houveram interferências com a adição de elementos cristãos às literaturas pré-cristãs, mas não totalmente ao ponto de não serem consideradas viáveis historicamente, tanto nos conteúdos sobre paganismo quanto a magia. (LANGER, 2023, p. 209-210).

bastantes utilizados na literatura medieval são: o *seiðr* (canto), ritual de caráter divinatório e xamânico e o *galdr* (sons mágicos), os quais são utilizados em operações curativas e encantamentos. Outras temáticas delineadas abordam a magia nórdica como realidade histórica nas sagas islandesas e a magia nórdica como tema ficcional¹¹. Vale ressaltar como adendo a necessidade na descontextualização do texto para que possa ser recuperada a visão de mundo pré-cristã da época na qual as tradições pré-cristãs estavam envolvidas nas práticas ligadas¹² à cosmovisão dos nórdicos como: o Seidr, Galdr, a magia Nid, Nidstong as profecias e adivinhações.

As runas¹³ são elementos centrais quando falamos no conceito de simbolismo mágico: servem para fins de proteção e também promovem intenções mágicas (pedidos) para os seus praticantes, no entanto, as runas não podem ser definidas apenas como letras como muitos compreendem na modernidade, mas sim, como formas de conhecimentos dentro do contexto mágico.

Nos capítulos finais do livro, serão abordados temas como as noções de alma e espiritualidade na elaboração de conhecimento religioso pré-cristão oferecido diante do debate conceitual da obra. Foram discutidas as visões dos nórdicos conectadas à espiritualidade essas crenças estão ligadas a todo e qualquer ser humano. Para eles, tais influências estariam ligadas ao xamanismo euroasiático devido a palavra *hamr* (forma) designando à forma (alma) que cada um possuiria. A *hamr* poderia sair do próprio corpo (levitação) e estar em outros locais e até mesmo em um outro tempo. Esse processo seria realizado por um animal, elemento simbólico utilizado como um suporte através da jornada

¹¹ Em oposição a essa ideia, alguns pesquisadores acreditavam que temáticas ligadas ao paganismo seriam motivos ficcionais, ou seja, inventadas após a conversão e registradas nas sagas apenas como narração literária. Essas práticas não teriam relação alguma com a realidade e a oralidade segundo alguns estudiosos. Portanto, seriam apenas uma forma de compreensão do passado – uma visão imposta pela sociedade da época. (LANGER, 2023, p. 210-211).

¹² Vale ressaltar os amuletos rúnicos, sendo objetos mágicos utilizados na proteção de coisas que poderiam trazer algum tipo de malignidade além de serem utilizados como proteção e poder especial, tanto os germanos quanto os escandinavos costumavam fazer uso desses amuletos com sua origem animal e vegetal: pedaço de ossos, conchas mandíbulas de animais, raízes e fragmentos de âmbar. Os mais utilizados eram feitos de metal: as *bracteatas*. (LANGER, 2023, p. 224-227).

¹³ As runas significam sentido/segredo/conhecimento. Suas associações estão conectadas com a magia que foi vislumbrada em um período antigo como a própria palavra exprime: *haliurrunnae* (feiticeira), bastante usada pelos godos, povos das tribos germânicas bastantes temidas no período de 98 a.C. (LANGER, 2023, p. 222).

cumprida, logo depois, retornaria ao corpo do seu possuidor podendo remontar a associação aos antigos sámis.

No caso dos símbolos nórdicos pré-cristãos, o livro aborda uma variedade deles como animais totêmicos, números, o martelo de Thor, figuras geométricas; símbolos associados a divindades e rituais e símbolos apotropaicos¹⁴.

Por fim, o autor retoma uma visão dos elementos míticos e ritualísticos da Era Viking associados a teoria da recepção artística advindos da cultura visual no período da modernidade, ligados às influências neoclássicas da época, e para além disso, o autor propôs estudos de caso no final de cada capítulo fomentando o arcabouço teórico da obra. Em conclusão, entendemos que a obra de Johnni Langer é imprescindível e necessária para todos aqueles que pesquisam e possuem interesse em temas relativos sobre as concepções gerais das religiões nórdicas pré-cristãs, além de envolver interesse de estudantes e pesquisadores que possuem temas aproximados com tais temáticas.

Referências bibliográficas:

LANGER, Johnni. *As religiões nórdicas da Era Viking: Símbolos, ritos e deuses*, Rio de Janeiro: Vozes, 2023. pp. 15-279.

RAUDVERE, C. SCHJODT, P. (orgs). *More than mythology: narratives, ritual practices and regional distribution in pre-Christian Scandinavian religions*. Lund: nordic Academic Press, 2012. pp. 97-117.

¹⁴ Esses objetos foram descobertos em áreas escandinavas da Era Viking e forma reinterpretados com o objetivo de produzir algum tipo de “proteção mágica” para o seu dono, são objetos que vão desde amuletos e armamentos (encontrados em sepulturas), textos rúnicos com mensagens apotropaicas para prevenir doenças e conjurar espíritos, além dos anéis votivos (associados na atualidade ao deus Odín). Alguns desses objetos possuíam as mais diversas naturezas originadas na Era Viking, continham vários símbolos inscritos em facas, cerâmicas, pentes e também eram bordados, mesmo havendo dificuldades em interpretá-los corretamente em seu contexto figurativo e assim permanecem restritos. (LANGER, 2023, p. 267-268).